

CONVERSÃO DA DÍVIDA: UM LEILÃO

O Banco Central esperava bem mais que os US\$ 141,7 milhões convertidos em investimentos. Mas foi pouco o interesse pelas

Sexta-feira, 27-5-88

FRACO

O terceiro leilão de conversão de dívida externa em investimentos de risco, realizado ontem na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, conseguiu reduzir em mais US\$ 141,7 milhões os compromissos financeiros do Brasil junto aos bancos credores internacionais.

Das 18 sociedades corretoras licitantes, doze arremataram com deságio de 22% os US\$ 75 milhões ofertados para investimentos livres. Oito corretores ficaram com US\$ 30,7 milhões dos US\$ 75 milhões leiloados para aplicações em empresas e projetos no Norte/Nordeste e na região de Jequitinhonha (MG). Assim mesmo, com deságio de 0,5%, ou seja, a primeira taxa ofertada pelo leiloeiro Danilo Ferreira.

No leilão anterior, realizado no mês passado na Bolsa de São Paulo, as taxas de deságio atingiram 32% em investimentos livres e 15% em áreas incentivadas, contra, respectivamente, 27% e 10,5% na primeira oferta realizada no Rio.

O resultado do leilão de ontem, que elevou para US\$ 532,5 milhões o volume de conversão, ficou abaixo das expectativas do Banco Central. Mesmo assim, para o seu diretor da área externa, Arnim Lore, o fato não pode ser interpretado como uma falta de interesse no processo, mas como "uma nítida demonstração da lei de mercado". Segundo explicou Lore, no caso específico do leilão para investimentos em áreas incentivadas "não houve um número de instituições interessadas para aceitar a quantidade de dinheiro ofertado".

Para o presidente da Bolsa do Rio, Sérgio Barcellos, a sobra de quase US\$ 25 milhões no leilão incentivado resulta da falta de projetos, principalmente no Nordeste; que justificam a presença de investidores internacionais. Na sua opinião, o resultado do leilão de ontem evidenciou, ainda mais, a necessidade de o governo garantir uma parcela definida de recursos para a participação dos fundos de conversão — sugestão endossada por Arnim Lore.

Lore também garantiu que o governo está satisfeito com os resultados dos leilões, mas ressaltou que nada impede o estabelecimento de taxas mínimas de deságio ou a alteração dos valores de dívida ofertados.

Coube à corretora J.P.M., do Rio, arrematar a maior parcela do leilão livre — US\$ 17,5 milhões. Segundo o seu diretor, Márcio Martins Cardoso, grande parte dos recursos será aplicada nestes setores de autopeças e química. Ele acrescentou que o mercado, na sua maioria, esperava deságios maiores. A JPM operou em nome do Citibank, o maior credor do País.

áreas incentivadas.